

LIMITES E POSSIBILIDADES DAS QUESTÕES DE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NO ENSINO DE HISTÓRIA NO ÂMBITO DO CURRÍCULO DE DOIS CURSOS DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL¹

Alexandre Gomes Soares*

Maria Aparecida da Silva**

1. Introdução

Este trabalho é parte dos resultados alcançados com a dissertação de mestrado “Presenças, silêncios e ausências sobre gênero e diversidade sexual nos no âmbito do currículo de dois cursos da educação profissional”, cujo objetivo geral foi analisar as questões de gênero e diversidade sexual no ensino de História no currículo de dois cursos de Educação Profissional Tecnológica de Nível Médio em Minas Gerais.

O objetivo, neste artigo é compreender os limites e possibilidades das questões de gênero e diversidade sexual no ensino de História no âmbito do currículo de dois cursos de Educação Profissional. As discussões a respeito das questões de gênero e diversidade sexual na sociedade brasileira encontram barreiras em diversas instâncias sociais, barreiras essas relacionadas a fatores como: a falta de pessoas informadas sobre as questões de gênero e diversidade sexual e ainda um Estado frágil no que se refere à laicidade.

Segundo Borrilo (2010), o ato de romper com as construções cognitivas que representam barreiras é um verdadeiro exercício, pois essas barreiras se encontram arraigadas à educação. Sendo assim, discutir as presenças, silêncios e ausências das questões de gênero e de diversidade sexual no âmbito do currículo da Educação Profissional pressupõe, dentre outras possibilidades, verificar como essas questões são abordadas na sala de aula. Segundo Manfredi (2002) a necessidade de os professores discutirem

[...] os temas que permeiam o cotidiano das atividades escolares como projeto pedagógico, autonomia, identidade [...], cultura, religiosidade, importância do conhecimento e da informação na sociedade contemporânea, a ação coletiva e interdisciplinar, as questões de gênero e outros aspectos da sala de aula. (MANFREDI, 2002, p. 15)

* Mestre em Educação Tecnológica – CEFET/MG; integrante do Projeto Formação e Produção Científica e Tecnológica em Educação Profissional Integrada a EJA

** Doutora em Educação pela Unicamp; professora da FAE/UFMG (aposentada); professora do CEFET/MG; coordenadora do Projeto Formação e Produção Científica e Tecnológica em Educação Profissional Integrada à EJA.



Nessa perspectiva, considerou-se que identificar os limites e possibilidades das questões de gênero e diversidade sexual no ensino de História no âmbito do currículo de dois cursos de Educação Profissional contribuem para a construção de uma educação justa e democrática, uma vez que “na escola encontra-se uma variedade de indivíduos com experiências de vida, sonhos e realidades específicas” (CASAGRANDE; CARVALHO, 2006, p. 1).

2. Breve relato sobre o ensino de História.

Considerando-se que analisar dialeticamente o ensino de História pressupõe uma ruptura com o padrão hegemônico e discursivo da sociedade. Essa ruptura implica, segundo Fenelon (1997), ampliar a discussão para além da história dos vencedores sobre os vencidos. Assim sendo, buscou-se, nesta pesquisa, um aprofundamento de novos percursos da historiografia, a partir dos pressupostos teóricos do materialismo histórico, visando-se apreender o movimento dialético das transformações sociais:

A importância da recuperação de aspectos da organização social como raça, gênero, religião, no âmbito do quadro geral da investigação materialista histórica (com sua ênfase no poder do dinheiro e na circulação do capital) e da política de classe (com sua ênfase na unidade da luta emancipatória) não pode ser superestimada. (HARVEY, 2010, p. 320).

As discussões teóricas sobre o ensino de História tiveram uma ampliação expressiva na década de 1980, com o fim da Ditadura Militar. Consoante Zamboni (2001, p. 107), as linhas de pesquisas se desenvolveram principalmente nos eixos de: formação do professor de História; currículo; linguagens e ensino de História e novas tecnologias; produção historiográfica e livro didático. Na presente pesquisa, a discussão voltou-se para as questões de gênero e diversidade sexual no ensino de História no âmbito curricular da Educação Profissional Técnica de Nível Médio.

2.1. Gênero e diversidade sexual no ensino de História no âmbito do currículo da educação profissional

Na discussão deste trabalho, adotou-se a categoria gênero para além do binário homem e mulher, embora ainda sejam poucas as discussões na literatura que avançam nessa perspectiva. Foi também necessário delinear o termo diversidade sexual, cujo campo de discussão permeia três eixos: o sexo biológico, a identidade de gênero e a orientação sexual. Segundo a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) do

Ministério da Educação (BRASIL, 2007) o sexo biológico é constituído basicamente pelas características fenotípicas (*i.e.*, órgãos genitais externos, órgãos reprodutores internos, mamas, barba) e genotípicas (*i.e.*, genes masculinos e genes femininos).

No que se refere a identidade de gênero, Parker (1999) salienta que não existe uma relação direta e única entre anatomia e gênero, tampouco entre gênero, identidade sexual e orientação. Para o autor, a identidade de gênero é a maneira como o sujeito se sente e se apresenta para si e para os demais, sendo masculino ou feminino, ou ainda uma mescla de ambos independentemente do sexo biológico e da orientação sexual. Segundo Brasil (2007)

[...] a orientação sexual é um conceito que, ao englobar e reconhecer como legítimo um extremamente diversificado conjunto de manifestações, sentimentos e práticas sociais, sexuais e afetivas, desestabiliza concepções reificantes, heterocêntricas, naturalizantes e medicalizadas (que insistem em falar de homossexualismo). Além disso, o termo orientação sexual veio substituir a noção de opção sexual, pois o objeto do desejo sexual não é uma opção ou escolha consciente da pessoa, uma vez que é resultado de um processo profundo, contraditório e extremamente complexo de constituição, [...].

Para a compreensão desses três conceitos utilizamos Butler (2011), no conceito de diversidade sexual, que pode representar pessoas envolvidas em uma larga disposição de atos sexuais e pessoas que, quaisquer que sejam suas identidades, não são a mesma coisa que os atos que desempenham. Esse conceito também pode significar que diferenças morfológicas nem sempre são binárias na forma e que desejos e prazeres não são para se julgar normativamente, mas sim compreendidos em um contínuo de agenciamento e resposta sexual humana.

Tal adoção propõe uma leitura da sociedade com sua diversidade cultural, étnica e sexual, bem como dos sujeitos e dos artefatos culturais que compõem o espaço escolar. Mais especificamente, como já apontado, buscou-se tecer tais compreensões no campo da disciplina História no âmbito do currículo da Educação Profissional Tecnológica (EPT).

Segundo Luciola Santos (2001, p. 61), em relação ao ensino de História na Educação Básica:

- é preciso considerar que os saberes escolares constituem uma seleção arbitrária dentro de um universo mais amplo de possibilidades;
- é necessário assegurar que a escola socialize os conhecimentos no campo da história e das diferentes áreas, de forma significativa, em sintonia com as questões da vida contemporânea, superando a organização do currículo por disciplinas [e] considerando as novas perspectivas colocadas pelos estudos sobre organização curricular;
- deve ser destacado que a escola não apenas fornece conhecimentos aos estudantes, mas também desperta interesses e sensibilidades, cria desejos e



aspirações, modela formas de raciocinar, instala padrões [e] culturas, enfim, forma subjetividades e identidades sociais.

Junqueira (2009a, p. 369) descreve a necessidade de se refletir sobre gênero e diversidade sexual com uma relação mais ampla:

[A]s relações de gênero, como amplo processo de socialização, conformam identidades de gênero e sexuais. Assim, a noção de diversidade sexual é aqui empregada em referência a um conjunto dinâmico, plural e múltiplo de práticas, formas e experiências multifariamente relacionadas a vivências, prazeres e desejos sexuais, vinculados a processos de (re) configurações, representações, manifestações e assunções identitárias, geralmente objetivadas em termos de identidades, preferências, orientações e expressões sexuais e de gênero.

Ainda neste sentido, de acordo com Tomaz Silva (1999), colocar essas questões de gênero e diversidade sexual em foco significa pensar como cultura, escolas e sujeitos se articulam por meio das construções de gêneros e sexualidades, entendendo-os como campo de lutas, negociações, contestações e enfrentamentos, em que se produzem tanto os sentidos quanto os sujeitos que vão constituir diversos grupos sociais e suas singularidades. O autor indaga:

Como se configuraria uma pedagogia e um currículo que estivessem centrados não na diversidade, mas na diferença, concebida como processo, uma pedagogia e um currículo que não se limitassem a celebrar a identidade e a diferença, mas que buscassem problematizá-las? (SILVA, T., 1999, p. 1)

Sacristán e Gómez (2000) defendem um “modelo de interpretação que concebe o currículo como algo construído no cruzamento de influências e campos de atividades diferenciadas e inter-relacionadas”. No tangente às questões de gênero e diversidade sexual no âmbito do currículo (neste caso, o da educação profissional), faz-se neste trabalho referência ao currículo em ação, definido por Sacristan (2000) como aquele que atua dentro do contexto em que se concretiza, como conexão entre teoria e ação, intenções ou propostas e realidade social. O currículo em ação é uma prática concomitante com a ação de outras que atuam nos sistemas escolares sobre o próprio currículo, sobre seu desenvolvimento, sobre os professores ou sobre o contexto (SACRISTÁN, 2000, p. 92). A importância da discussão sobre o currículo e suas dinâmicas com ênfase nas questões de gênero e diversidade sexual deve-se às lacunas de produção teórica na área e do lócus da pesquisa em que o currículo ocupa como produtor das identidades sociais e individuais.

3. As questões de gênero e diversidade sexual na sala de aula da Educação Profissional e Tecnológica

O fenômeno educativo escolarizado é um processo formativo que envolve várias dimensões, como: ensino e aprendizagem, seleção e organização do *corpus* do conhecimento a ser desenvolvido e seus desdobramentos na prática, a partir das relações que se estabelecem na sala de aula. Neste sentido, Tomaz T. Silva (1996, 2000) afirma que a sala de aula é um lugar privilegiado para se promover a cultura de reconhecimento da pluralidade das identidades e dos comportamentos no que tange à diversidade. Segundo o autor, o que ocorre na sala de aula possibilita discutir a educação escolar a partir de uma perspectiva crítica e problematizadora. O presente trabalho indica também um questionamento das relações de poder, e de classe, as hierarquias sociais opressivas e os processos de subalternização ou de exclusão que as concepções curriculares e as rotinas escolares tendem a preservar.

No decorrer da observação de campo, as questões de gênero e diversidade sexual surgiram na sala de aula. As observações das aulas foram registradas no caderno de campo e gravadas em áudio, totalizando mais de 15 horas de gravação. Adotaram-se aqui os termos PHTL para o professor de História no curso de Turismo e Lazer e PHM para o professor de História no curso de Mecânica. É no cotidiano da sala de aula que se cria a possibilidade de ampliar a discussão sobre as questões de gênero e diversidade sexual. Na situação apresentada a seguir observada na sala de aula, estão presentes, subliminarmente, conceitos, noções e construções sobre o tema gênero e diversidade sexual na sala de aula, no ensino de História, no âmbito do currículo da Educação Profissional. A seguir identifica-se uma observação ocorrida na sala de aula, cujo contexto foi o seguinte:

[...] O PHTL inicia a aula saudando os educandos; em seguida, faz uma abordagem sobre os objetivos da aula e pergunta aos alunos sobre os eventos na Semana Santa.

[...] O professor anuncia:

– A aula será dividida em 3 etapas. Entre elas o que é o Barroco? Qual o sentido que o Barroco tem para as pessoas do século XIX? E os reflexos do barroco na contemporaneidade. O professor levanta problematizações sobre o Renascimento e qual a relação do homem com o homem? Qual era a relação do homem com a mulher? Qual era a relação do homem com Deus?

Nesse contexto, a aluna Rita faz uma pergunta a PHTL:

–Professor, a mulher era considerada gente naquela época?

PHTL: – Naquela época, as questões de gênero, masculino e feminino, eram diferentes do que vemos hoje, não tinha nenhuma associação com o movimento feminista.

Ainda neste contexto da sala de aula, dois alunos dos três que estavam na sala mexiam nos cabelos de duas alunas (um fazia tranças e outro fazia mechas). (Diálogo professor e aluna - Aulas 1 e 2. Fonte: Caderno de Campo, p. 20-21, 2 maio 2011.

O questionamento da aluna no contexto da sala de aula evidencia aquilo que Corcuff (2001, p. 153) denominou de indivíduos plurais aqueles que:

[...] são levados a se moverem no interior de múltiplas cenas da vida cotidiana, através das lógicas de ação diversas, confrontados a experiências plurais, e mobilizam então aspectos diferentes, às vezes contraditórios, de sua pessoa.

Ratificamos tal posicionamento enquanto relação teoria e prática nas observações de campo. Ainda sobre essa observação da sala de aula registrada, considera-se oportuno trazer os dados de pesquisa sobre Diversidade Sexual e Homofobia no Brasil, da Fundação Perseu Abramo em parceria com a Fundação Rosa Luxemburgo. A pesquisa possibilitou a publicação de uma obra organizada por Venturi e Bokany (2011), denominada *Diversidade sexual e homofobia no Brasil*.

Segundo Venturi e Bokany (2011), constatou-se que 30% dos entrevistados acreditam que a educação é a área mais eficiente no combate ao preconceito e que o governo deve priorizá-la. Os entrevistados também assinalaram qual deveria ser a ação do governo para combater a homofobia na educação. O que se destacou foi à qualificação de professores para gerenciar conflitos entre alunos no que diz respeito à diversidade sexual, homofobia e transfobia, com 54%; em segundo, foram apontadas a análise e fiscalização do material didático quanto ao conteúdo homofóbico e transfóbico, com 19%.

Ainda no tocante sobre as questões de gênero e diversidade no ambiente escolar, no próximo registro, descrevem-se as aulas 5 e 6 do curso de Turismo e Lazer.

PHTL inicia a aula saudando os alunos; em seguida, retoma a aula passada sobre a relação entre Barroco e devoção e lança uma problematização para os alunos sobre o que é a cultura barroca. Os alunos, meio que tímidos, tentam dar algumas respostas. PHTL: – O Barroco turístico tem um peso enorme para aqueles que não o reconhecem, além de que o Barroco possibilita pensar a sociabilidade naquela época. PHTL discute questões da época colonial com relação aos valores, tradições e o contexto atual. O professor identifica vários aspectos que estão diferentes na sociedade atual, que são permeados pelos valores, questões de gênero e outras que ele descreve como “opção sexual” ou não. Ele traz a posição do Supremo Tribunal Federal, considerando ser um avanço na legislação brasileira. PHTL expõe sobre a sociedade mineira e sua organização naquele período. (Diálogo professor e aluna - Aulas 3 e 4. Fonte: Caderno de Campo, p.23,10 maio 2011.)

O excerto do caderno de campo está em consonância com que descrevem Cunha e Laudares (2009, p. 53) ao ressaltarem que a educação é prática social no sentido de que é ação exercida por grupos sociais e/ou indivíduos no quadro de sua formação, de seu desenvolvimento e de seu aperfeiçoamento. Assim sendo, o ato educativo são baseados no



diálogo e na integração das diversas dimensões existenciais presentes na realidade dos sujeitos jovens e adultos.

Junqueira (2009a, p. 28) afirma que:

[...] trabalhar em favor da cultura de reconhecimento da diversidade sexual, [...] ao mesmo tempo, traduz um empenho por uma escola melhor para todos os indivíduos. Uma escola atenta à pluralidade de visões de mundo, corpos, gêneros e sexualidades.

No próximo exemplo da observação de campo, obteve-se um registro na turma de Mecânica (modalidade PROEJA), conforme se pode observar em trecho observado na sala de aula, demonstrado a seguir. Nota-se o seguinte no desenvolvimento das aulas

PHM inicia a aula saudando os alunos e a aluna e passa as orientações sobre uma atividade, em grupos, sobre o conteúdo. Os alunos comentam.

Bruno: – Professor não tenho tempo pra fazer isto.

Fábio: – Nem eu professor. Já temos aula até no sábado á tarde.

Gustavo: Vou fazer isso quando?

O professor continua a aula normalmente e os alunos começam a discutir o que fazer no encontro em grupo.

Roberto: – Vamos fazer uma feijoada?

Há um silêncio na sala. Os demais alunos ficam calados com o comentário.

Em seguida José diz: –Eu dou o feijão.

Os demais alunos que estavam calados começam a rir a partir da frase, imaginando que ele iria falar outra coisa.

Outro colega comenta: – É gay. Eu sabia.

Os demais continuam a rir.

No decorrer da aula, o professor apresenta um documentário A conquista dos espanhóis contra os astecas, de direção de Michael Wood. Enquanto o professor apresenta o documentário, os alunos continuam brincando. No decorrer da projeção do documentário, o narrador do vídeo faz um gesto. O aluno Júlio comenta: – Sabia que ele jogava no time das mulheres.

(Diálogo professor e aluna - Aulas 7 e 8. Fonte: Caderno de Campo, p. 41, 01 jun. 2011).

Cabe salientar inicialmente que o professor faz breves comentários sobre os discursos produzidos pelos alunos citados no trecho anterior, mas sem entrar em detalhes sobre o conteúdo registrado. Segundo Louro (1995) desde os primeiros tempos, a instituição escolar disciplina corpos e mentes de estudantes e mestres, ajustando-os aos novos ritmos, a outra lógica, a outro espaço; construindo maneiras de ser apropriadas, falas convenientes, olhares e gestos adequados e decentes. Assim, a construção de um corpo escolarizado, controlado, protegido e dominado parece ter sido e ainda ser imperiosa para qualquer empresa educativa.

Neste sentido ratificam-se as argumentações trazendo à luz vestígios das observações das salas de aula, em especial das aulas de História. As aulas de História, exemplificadas

pelos excertos, evidenciam a problemática do “outro”. A caracterização da rotina escolar possibilita identificar os discursos produzidos – discursos esses que produzem e reproduzem valores e representações sobre gênero e diversidade sexual.

A seguir, examina-se outro registro da sala de aula – neste caso, na turma de Mecânica.

PHM inicia a aula apresentando o tema em slides: período açucareiro. PHM discorre sobre os séc. XVI e XVII, sobre os senhores, escravos, patriarcalismo, ruralismo.

Um aluno questiona sobre as relações do senhor com escravos. O professor responde a questão e, em seguida, relata sobre o tráfico de escravos, destacando como se realizava o transporte.

No relato sobre o transporte de escravos, um aluno participa, indagando:

Roberto: – É verdade que por causa da fiscalização contra o tráfico, os escravos eram lançados ao mar com uma pedra?

PHM: – Sim.

Após o professor confirmar, outro aluno, participa perguntando:

Bruno: – Por que a pedra era presa aos escravos?

William comenta: – Porque “bosta” não boia.

O professor fica inquieto com o comentário e diz: – Nossa... não, nem vou comentar.

Marcelo não ouve o comentário e pergunta: – O que o William disse professor?

O Professor responde: – Não vale a pena nem repetir.

Marcelo insiste: – Foi preconceito?

O professor responde: – Foi.

Marcelo responde: – Vou mandar um negão “bombar” nele que ele vai ver.

A sala começa a rir quase que por completo. O docente continua a aula.

(Diálogo professor e aluna - Aulas 11 e 12/Fonte: Caderno de Campo, p.44-45, 15 jun. 2011.

No diálogo apresentado anteriormente, é possível identificar uma relação de racismo, seguida de um comentário jocoso a respeito da homossexualidade, que denota-se homofobia. Há, em seguida, silêncio do docente, na medida em que não discute sobre essas questões com a turma. A expressão “não vou nem comentar” invisibiliza a discussão sobre as questões de gênero e de diversidade sexual, bem como as questões étnico-raciais. Nas palavras de Casagrande e Carvalho (2009, p. 109) “o silêncio fala, e precisamos saber ouvi-lo”. Além disso, nessa reflexão, é como se estivessem

[...] definidos não só o destino natural de corpos e seus respectivos lugares na sociedade: o engessamento identitário impõe severos limites a quaisquer alternativas de expressão, identidade ou inclusão e comporta altos custos aos que ousam transgredir o que é dinâmica e multifariamente demarcado pelo racismo, pela xenofobia, pelo sexismo, pela misoginia e pela heteronormatividade. (JUNQUEIRA, 2003, p. 188).

Na percepção do pesquisador e com base na literatura, o fato ocorrido em sala de aula mostra que o docente não se sentiu apto em discutir as questões de gênero, diversidade sexual e etnia. Ressaltam-se duas possíveis inferências: a primeira se refere à falta de

formação sobre o tema, e a segunda relaciona-se ao fato da turma ser majoritariamente composta por alunos do sexo masculino, enquanto que no curso Técnico de Turismo e Lazer é o contrário.

Diante do exposto, destacam-se as afirmações dos educandos associadas imediatamente à sexualidade do profissional, como se buscassem aspectos e/ou argumentos para questionar a conduta. Ainda nesse sentido, cabe indagar o papel dos profissionais da educação no questionamento dessas situações, sendo preciso capacitar os docentes e demais sujeitos que compõem a escola para que possam perceber, problematizar e debater as temáticas tidas como polêmicas e que ainda são vistas como “tabus” (CASAGRANDE; CARVALHO, 2009).

Ainda neste sentido, Sacristan e Gómez (2000, p. 81), ao dialogarem sobre a compreensão do ensino, afirmam

[...] que o ensino é uma atividade prática que se propõe a dirigir as trocas educativas para orientar num sentido determinado as influências que se exercem sobre as novas gerações. Compreender a vida da sala de aula é um requisito necessário para evitar a arbitrariedade na intervenção.

No que se refere às questões de gênero e diversidade sexual, foi solicitada ao professor de História do curso Técnico de Turismo e Lazer sua avaliação quanto à produção de materiais didáticos (*e.g.*, livros, diretrizes, vídeos) que abordam a igualdade de gênero e diversidade sexual. O docente respondeu:

Eu conheço um pouco das questões de gênero. Por força de ofício, tivemos uma legislação que aborda as questões étnico-raciais, por uma obrigação legal. [...] Tivemos uma semana recentemente sobre diversidade [...] merece um tratamento maior.[...] A questão de gênero, como eu falei, é surpreendentemente presente aqui; há uma quantidade grande de alunos que se assumem publicamente como homossexuais aqui na instituição, e isto tem gerado sim alguns incômodos. Mas... para minha grande alegria, até o presente momento, ele tem sido abordado naturalmente de forma sadia. O discurso de repressão, pura e simplesmente não encontra muita guarida aqui. O que não significa que não haja preconceito tenho que deixar isto muito claro. Que aqui não é uma comunidade em que não há preconceito; há um espaço mais refrescado para este tema. (Entrevista PHTL, em 22 nov. 2011).

O docente evidenciou seu pouco contato com os materiais didáticos que abordam o tema gênero e diversidade sexual. Justificou que ainda há poucas pesquisas sobre o tema e que existe uma complexidade entre o que é pesquisa e militância. Além disso, criticou algumas orientações/diretrizes legais que tentam definir algumas práticas pedagógicas.

Tais aspectos do discurso do docente foram manifestados por algumas figuras de linguagem, neste caso um eufemismo. Por exemplo, tem-se: “Mas... para a minha grande alegria, até o presente momento, ele tem sido abordado naturalmente de forma sadia”. Nessa sentença, questiona-se a conexão com o tema gênero e diversidade sexual, e, além disto, o processo de produção e as contradições que estruturam o discurso evidenciam limites e possibilidades para tratar do tema.

4. Considerações finais

O presente trabalho buscou identificar as presenças, silêncios e ausências sobre as questões de gênero e diversidade sexual na disciplina História no âmbito curricular de dois cursos da Educação Profissional Tecnológica de Nível Médio. Partiu-se do pressuposto de que as questões de gênero e diversidade sexual estariam presentes, ausentes ou silenciadas na disciplina História na referida instituição.

A pesquisa possibilitou a constatação de que as questões de gênero e diversidades sexuais estiveram presentes durante as aulas de História em ambas as turmas e foram abordadas de formas diferentes. Na turma de Turismo e Lazer, o docente, ao abordar o conteúdo sobre a sociedade barroca mineira e os valores da sociedade, realizou um paralelo com os valores vigentes na sociedade brasileira atual. Na entrevista realizada com o docente da turma de Turismo e Lazer, houve a manifestação de que ouviu falar sobre os materiais que abordam as questões de gênero, mas se ateu a detalhar sobre as questões étnico-racial. O professor relatou que, na sua formação, não houve discussão sobre o tema e relatou a complexidade da sua abordagem na instituição, tendo em vista as posições políticas da condução do tema.

Nas aulas da turma de Mecânica (modalidade PROEJA), ocorreram situações que possibilitaram a discussão sobre gênero e diversidade sexual. No entanto, houve silêncio, fato confirmado por meio dos registros de campo, quanto ao relato de preconceito na sala de aula e às relações dos educandos com o docente de Física. Não foi possível um melhor detalhamento sobre essas questões devido à opção do docente em não participar da entrevista. Identificou-se, com relação à composição dessa turma, que freqüentavam as aulas de História em torno de sete a dez educandos. Entre esses, duas educandas permanenciam na sala de aula com pouca participação nas discussões. Tal fato não pode ser aprofundado, devido ao recolhimento das alunas em tratar do assunto. Assim não foi possível saber as razões por que esses dois sujeitos históricos permaneceram arredios às discussões da turma em geral.

E por fim, as discussões a respeito das questões de gênero e diversidade sexual na sociedade brasileira ainda encontram barreiras em diversas instâncias sociais, barreiras essas relacionadas a alguns fatores como: a falta de pessoas informadas sobre as questões de gênero e diversidade sexual e ainda um Estado laico frágil. A desconstrução desses olhares e percepções denotam um desafio da educação básica, bem como dos programas de formação docente.

Referências Bibliográficas

ANDRÉ, Marli. Estudos de caso revelam efeitos sociopedagógicos de um programa de formação de professores. In: *Revista Lusófona de Educação*, n.6, p.93-115, 2005. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/349/34900608.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2011.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). *Cadernos SECAD 4 - Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos*. Brasília: MEC, 2007. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000015505.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2011.

BUTLER, Judith. O gênero é uma instituição social mutável e histórica. In: *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo. v.199, ano 6. 2006. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=470&secao=199>. Acesso em: 20 dez. 2011.

BORILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CASAGRANDE, Lindamir S.; CARVALHO, Marília Gomes de. Educando as novas gerações: representações de gênero nos livros didáticos de matemática. In: Reunião Anual da ANPED, 29, 2006, Caxambu. *Grupo de Trabalho 23*. Caxambu: [s.e.], 2006. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT23-2066--Int.pdf>>. Acesso em 05 jul. 2011.

CASAGRANDE, Lindamir S.; CARVALHO, Marília Gomes de; LUZ, Nanci Stancki. *Construindo a igualdade na diversidade: gênero e sexualidade na escola*. Curitiba: UTFPR, 2009.

CORCUFF, Philippe. *As Novas Sociologias*. Construções da Realidade Social, Bauru, SP, EDUSC, 2001.

- CUNHA, Dayse. M.; LAUDARES, João. B. (Org.). *Diálogos sobre trabalho: perspectivas multidisciplinares*. Campinas: Papirus, 2009.
- FENELON, Déa. Pesquisa em história: perspectivas e abordagens. In: FAZENDA, Ivani Catarina (Org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Ed. Loyola, 2010.
- JUNQUEIRA, Rogério D. Democracia racial: origem, desmistificação e reatualização de um mito. In: *Revista: Universitas/Comunicação*, Brasília, ano 1, v. 1, nov. 2003.
- JUNQUEIRA, Rogério D. (Org.). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre homofobia nas escolas*, v. 32. Brasília: Ministério da Educação/UNESCO, 2009a.
- LOURO, Guacira L. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. *Educação & Realidade*, Porto Alegre . v.20, n.2,p. 102-132,1995.
- MANFREDI, Silvia M. *Educação Profissional no Brasil*. São Paulo. Cortez, 2002.
- SACRISTÁN, Gimeno; GÓMEZ, A. L. Pérez. *Compreender e transformar o ensino*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SANTOS, Lucíola L. de C. P. Entrecruzando o ofício de historiador com o de professor. *Cadernos de Educação*, Pelotas, n. 16, p. 49-62, jan.-jun. 2001.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidades terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- VENTURI, Gustavo; VILMA Bokany, V. (Orgs.). *Diversidade sexual e homofobia no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.2011.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- ZAMBONI, Ernesta. Panorama das pesquisas no ensino de História. *Salculum – Revista de História*, Paraíba. v. 6, n. 7, 2001.pp.105-117.

ⁱ Parte deste trabalho foi apresentado no evento de X Colóquio sobre Questões Curriculares / VI Colóquio Luso Brasileiro de Currículo.